

DO ESPELHO À MONTANHA

Meditações psicossociais numa Democracia restaurada

Paulo Ferreira da Cunha¹

Resumo: O presente texto é um contributo impressionista e baseado em conhecimentos empíricos e intuições sobre a psicossociologia dos cidadãos saída das mudanças sociais, culturais e políticas ocorridas em Portugal depois da Revolução dos Cravos. Semelhantes mudanças naturalmente ocorreram após reencontrada a democracia noutros países. Mas aqui não se trata de uma análise política ou constitucional, antes essencialmente comportamental. Sem esquecer que, para além das mutações, as pessoas mantêm características que persistem. Há uma especial preocupação com a ténue linha que divide o interior e o exterior, simbolizada no manto diáfano de que falava Eça de Queiroz. A atitude do ensimesmado e contemplador narcísico, tem como óbvio símbolo o espelho. A capacidade de resistir a agressões é simbolizada pela carapaça da tartaruga. A caminhada de cada um para mais alto, tanto no plano pessoal e introspetivo, como no plano social e ativo, é simbolizada pela montanha.

Palavras Chave: Educação, psicossociologia, democracia, 25 de Abril, revolução, introspeção, autognose.

Abstract: This text is an impressionistic contribution based on empirical knowledge and intuitions about the psycho sociology of citizens emerging from the social, cultural and political changes that occurred in Portugal after the Carnation Revolution. Similar changes naturally occurred after democracy was rediscovered in other countries. But this is not a political or constitutional analysis, but essentially a behavioral one. Without forgetting that, in addition to mutations, people maintain characteristics that persist. There is a special concern with the tenuous line that divides the interior and exterior, symbolized in the diaphanous cloak that Eça de Queiroz spoke of. The attitude of the self-absorbed and narcissistic contemplator has the mirror as an obvious symbol. The ability to resist aggression is symbolized by the turtle's shell. Each person's journey higher, both on a personal and introspective level and on a social and active level, is symbolized by the mountain.

Keywords: Education, psycho sociology, democracy, April 25th, revolution, introspection, self-gnosis.

Videmus nunc per speculum et in aenigmate
1 Cor. XIII, 12.

*Si tu ne deviens pas hypocrite,
lui disait-il, peut-être tu seras un homme.*
Stendhal, *La Chartreuse de Parme*, I, 2.

I.O Avesso e o Direito

De vez em quando, certas personagens soam a falso. Não são convincentes. Ora é uma cara maltalhada (que cada um pode moldar-se a si mesmo, pelo menos até certo ponto...), que não condiz com a necessária *gravitas* de um cargo, ora é a voz esganiçada, de cana rachada ou de falsete,

¹ Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (em licença para o exercício da magistratura).

que deita por terra todo um *look*, ora é a caligrafia infantil, digna de uma escola primária muito mal tirada e nenhuma prática ulterior, a denunciar escassas letras e parca prática do cálamo, ora é isto, ora é aquilo...

Para além dos casos mais chocantes, em que mesmo o mais leigo fisionomista e o menos intuitivo dos observadores imediatamente notam algo de postiço, a nossa sociedade funciona, em grande medida, com pessoas entre várias dimensões, experimentando realidades como que sobrepostas. Nem sempre se dão por isso.

Resta saber qual desses múltiplos planos em que somos mutantes é o verdadeiro. Presume-se que o mais profundo, o mais pensado, o mais interiorizado, e não o simplesmente exterior, social, superficial, aquele que é a máscara que se afivela para uso público.

Depois da Revolução dos Cravos, a telenovela Gabriela deu um decisivo empurrão para que nos libertássemos socialmente – desde logo, e como grande exemplo simbólico, para que não usássemos sapatos se os pés nos não toleram, como acabaria por fazer a naturalíssima heroína de Jorge Amado que deu nome ao livro e às adaptações televisivas.

Temos de concordar que a grande liberdade não política, mas social, de costumes e convivência, que o 25 de Abril trouxe, em grande medida nos está ainda a preservar, largamente e até em certos casos com algum exagero (porque há um tributo que o vício por vezes tem de pagar à virtude), de falsas mascaradas, de monumentais hipocrisias. Somos, em geral, e cremos que ainda mais os mais jovens, cada vez menos hipócritas.

Em termos morais absolutos, cremos que isso é uma evolução positiva: muito, até. A hipocrisia bafienta, retorcida, de “panela ao lume” com o “arroz cru”, como dizia uma canção² dos primórdios revolucionários, é algo que cansa, e deprime. E, na verdade, deixou de enganar muita gente. Dizia a mesma canção: “a mim não me enganas tu”. E repetia o refrão.

Ainda há algumas pessoas, sobretudo idosas, e até bastante idosas, que não compreenderam que o pacto tácito de silêncio sobre a componente de

² MONIZ, Carlos Alberto / AMPARO, Maria do — “A mim não me enganas tu”, Zip Zip. Vinyl, Portugal, 1974.

mentira na hipocrisia (mesmo nas chamadas “mentiras piedosas”) se rompeu de há muito. Continuam a urdir (ou “cozinhar”, como diria o poema de Sophia a Catarina Eufémia³) as suas intrigas, insinuações, “narrativas” com o fio de argumentos e até pseudo factos hipócritas, e o mais que recebem das pessoas em geral é uma condescendência misericordiosa, em atenção à sua idade.

Não propriamente hipocrisia, da sua parte, mas tolerância, efetivamente simpática e também de louvar, porque há pessoas que já não mudam os seus inveterados hábitos e representações.

Para alguns, com efeito, o mundo pode ter mudado de personagens políticas e modos de escolha dos governantes (e nesse aspeto alguns até se terão convertido, ou, no limite, até sempre aderido a uma “democracia técnica”, quiçá até com laivos sociais, e assim seria também “ética”), mas mesmo a sociedade de macrodemocracia teria ainda intrinsecamente as mesmas regras de elitismo, hierarquia, violência (simbólica ao menos), compadrio, etc. Trata-se de uma espécie de pessimismo antropológico de base que se repercute numa mundividência essencialmente maquiavélica, ainda que estes cidadãos sejam os primeiros a descrer intrinsecamente da política, que sabem não dar grandes frutos para as pessoas honestas, as quais “morrem na miséria”, como, aliás, a maioria dos artistas e outros profissionais criadores e generosos. É toda uma mundividência de setores importantes da sociedade (cada vez a pesar mais, dado o envelhecimento galopante do país) que importa ter em consideração, até mesmo em termos meramente utilitaristas, para bem se observar a evolução da repartição dos votos.

II. Da artificialidade e da contenção à naturalidade e descontração

Do mesmo modo, a referida evolução geral num sentido não hipócrita e mais leve e sincero também se nos afigura muito positiva em termos psicológicos. As pessoas já não têm que esconder, calar, camuflar muitas ideias e comportamentos. Já não sufocam o sentir e o pensar. Expressam-se. E fazem-

³ ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner — *Catarina Eufémia*, ed. online: <https://www.pcp.pt/actpol/temas/pcp/catarina/poemas-sophia.htm> (todas as referências a *links* foram de novo verificadas a 23 de abril de 2024).

no sem receio. Mesmo perspectivas antidemocráticas e soluções políticas e sociais visivelmente absurdas ou cruéis são expandidas pelas redes sociais (e delas passam para alguma comunicação social mais clássica), na maior *tranquilitas animi*. Apenas, em alguns países (e está a chegar ao nosso) há coisas tradicionais, normais para o comum das pessoas que chocam grupos vanguardistas “politicamente corretos”, e, esses sim, podem ter problemas, alguns sérios, como o seu “cancelamento”, quer dizer, censura, banimento, irradiação...

Mas voltemos à vida normal. Recordemos que atitudes hoje consideradas banais (e cremos que muitas realmente trivialíssimas em si mesmas) eram ainda há pouco mais de 50 anos um bicho de sete cabeças para muita gente. O chamado “temor reverencial” (quando não um medo mais real e mais profundo de verdadeiras represálias e punições) deixava muitos transidos, e provocava não poucas insónias. Havia *chinoiseries* de algumas pessoas com poder que se projetavam no seu círculo (sobretudo de dependentes sociais e profissionais) como dogmas absolutos. Para Salazar, um homem de respeito (logo, por maioria de razão, um ministro ou secretário de Estado) tinha que usar chapéu; para um certo alto funcionário público eram de desconfiar os empregados que tivessem; ao longo da sua carreira, mudado muito de serviço, ainda que premiados; para muitas senhoras da sociedade todas pessoas deveriam casar-se (obviamente em enlace heterossexual e benzido pela Igreja), ter filhos rapidamente, não bastando um, nem dois do mesmo sexo – antes de mais era preciso constituir uma prole dividida em casais... Não ficava bem às mulheres mil e uma coisas, desde fumar a usar botas ou calças, ou ir a um café. Os exemplos não findariam. Muita pena é que os jovens de hoje não possam adivinhar estas e outras características cinzentas da opressão e obscurantismo social do Estado Novo, e pouco estejam empenhados em dar-lha a conhecer. Honra às exceções.

A abertura da sociedade no 25 de Abril e tempos subsequentes não foi só o pluralismo político, partidário, sindical, associativo, a liberdade de expressão e reunião política, e outras liberdades e direitos de cidadania. A própria convivência social se aligeirou. Passaram a simplificar-se as formas de

tratamento, de indumentária, etc. Ao ponto de hoje já haver quem sinta que se terá, em alguns casos, ido longe demais, por se ter perdido uma linguagem traduzida por esse tipo de códigos, agora não apenas esquecidos em grande parte, como baralhados⁴. Esta naturalidade e transparência acaba por contaminar mesmo o *modus operandi* político e até político-militar, em que aparentemente se discutem em público, no Ocidente, decisões da maior relevância estratégica que a mais elementar prudência aconselharia a que não saíssem de um círculo relativamente fechado de decisores, precisamente para preservar a democracia contra os seus inimigos (que os tem). Falou-se em tempos da revelação oficial de listas com identidades dos espões. Hoje, abertamente se falam de manobras militares, armamentos e munições, perguntando-se apenas o observador se se estão a revelar dados reais, ou se tudo não passa de contrainformação para confundir o inimigo...

Ao mesmo tempo que as pessoas se naturalizaram e passaram a ser mais espontâneas, vindo à superfície o que lhes vinha na alma, sem filtros, ocorriam outros fatores que, todos em conjunto, podem colocar alguns problemas e lançar desafios. Por exemplo, as regras de convivência, civilidade, etc., deixaram em grande medida de ser aprendidas, quer nos *media*, quer na escola, quer na família.

Um exemplo que nos surpreende é a forma anárquica, suicidária e potencialmente assassina como muitos dos condutores das novas trotinetes se deslocam. Subindo e descendo passeios, não dando quaisquer sinais, conduzindo em contramão, a velocidades consideráveis para o veículo, fazendo insuspeitados movimentos de marcha atrás, etc. Já pensamos pessoalmente na séria conveniência de instalar no ombro um retrovisor, porque estar com todos os sentidos despertados parece não chegar.

⁴ De quando em vez, há algumas instituições escolares que esboçam a adoção de *dress codes*. Em 22/4/2024 vinha esta notícia na *Internet*: <https://observador.pt/2024/04/22/liceu-pedro-nunes-limita-vestuario-dos-alunos-ministerio-desconhece-e-afasta-se-da-situacao/>. Os comentários que a acompanhavam revelavam aprovação. Mas imediatamente se gerou polémica, com desacordo sobre a constitucionalidade da medida: <https://rr.sapo.pt/especial/pais/2024/04/23/calcoes-e-decotes-queixas-de-pais-e-alunos-levaram-liceu-pedro-nunes-a-impor-restricoes-ao-vestuario/375726/>; <https://twitter.com/IsabelMMoreira/status/1782766361686470680>. Não cremos oportuna uma reflexão nossa sobre o problema, para manter a chamada regra da “distância trágica” que aconselha a não curar, nem com fins didáticos, eventos muito recentes. Cf., v.g., CANTARELLA, Eva — *Contro Antigone. O Dell’egoismo sociale*, Turim, Einaudi, 2024, p. 4 ss.. Em historiografia, como se sabe, há uma cautela semelhante.

Mas não é apenas esta inovação que parece ser terra de ninguém, pelo reiterado desrespeito não só de regras de trânsito como do elementar bom senso. A própria forma como muitos se conduzem, a pé, na via pública (coberta ou descoberta), é profundamente fantasista, com mudanças súbitas de sentido e direção, e só não haverá decerto mais choques porque batalhões de anjos da guarda devem andar destacados para evitar colisões...

A forma imprevisível como alguns se conduzem nas ruas parece um sinal de como será o seu comportamento em geral. Aliás, ao vermos o percurso de estudo e de trabalho de muitos, nomeadamente de uma decerto significativa parte dos que acabam por ir parar a julgamentos penais, fica-se com a ideia de falta de sentido, de projeto, de persistência. É certo que em muitos casos a vida lhes foi e continua a ser madrasta. Mas também se deteta considerável laxismo, impulsividade, adição, desorientação, abandono escolar e absentismo e desinteresse profissional, etc. Falta de domínio da sua vida, falta de projeto de vida, são muito evidentes.

Uma pergunta paira: será que, mesmo com o pouco caso que muitos fizeram da sua acidentada e por vezes fugaz passagem pela escola, ela não poderia (ao menos ela, porque as famílias, em muitos casos, padecendo de profunda desestruturação e mil problemas, quiçá não poderiam ajudar mais) ter dado alertas convincentes para a necessidade de ordem, equilíbrio, trabalho, moderação, prudência, capacidade de sacrifício mínimo, etc.?

Não vamos entrar no coro de que a culpa é dos professores. Muitas vezes, os professores tentam, tentam até demais, mas *quod natura non dat...* O que não dá a natureza, ou a sociedade não está a permitir a alguns... dificilmente é suprido. De qualquer forma, o professor, sobretudo o dos escalões mais elementares do ensino, não pode ser um simples devedor de matérias. Tem de assumir também a função de educador, em geral. Desde logo, de civismo, de cidadania. Não adianta saberem-se supostamente muitos conteúdos científicos (e mesmo estas competências estão longe de ser alcançadas por muitos) e ter-se uma personalidade deformada ou amorfa, sempre permeável a pulsões negativas, e sujeita a resvalar facilmente para o crime (em muitos casos pela via da droga...). Fala-se de crime como do alerta

máximo. Mas até lá se chegar há vários estádios de um plano inclinado, que por vezes é percorrido com grande velocidade. *Abyssus abyssum.*

III. *Egoísmo, Marginalidade e Vulnerabilidades*

Não é verdade que estejamos, no nosso país, num mundo deprimente e sombrio de crime e violência exponenciais e de profunda, visceral, corrupção. Mas a verdade é que muitas das perturbações que existem se devem a uma banalização da pseudoafirmação sem limites pela personalidade egoísta de alguns, que não reconhecem autoridade, não se revêm senão em heróis de jogos e filmes violentos, quando não mesmo em figuras marginais. Há falta de modelos razoáveis, abnegados, moderados, empreendedores no sentido de construção e não de violência, quantas vezes meramente gratuita. Ela manifesta-se já no namoro, na violência doméstica, no trânsito, etc. Cremos que quase sempre com a mesma origem: falta de barreiras, de distanciamento entre o impulso ou o desejo íntimo e a concretização e externalização, num crescendo de individualismo, egoísmo e afins.

É sintomática a forma como os mais débeis de uma sociedade (esses que o Preâmbulo da Constituição da Suíça considera serem o barómetro da qualidade de uma democracia, ou, se preferirmos, da força de uma comunidade⁵) são encarados por muitos já nados e criados no estado de coisas de “naturalidade”.

Fomos sendo bombardeados com mantras egoístas e até assassinos de “vive e deixa morrer” ou mesmo “mata para viver” que se traduz em mensagens de dita autoajuda, em filmes, livros e jogos. É o “salve-se quem puder” e a exaltação do sucesso (sobretudo pelo poder, pelo dinheiro e pelo prazer) a qualquer preço. Assim sendo, para além da forma como olímpicamente há desinteresse e até culpabilização dos pobres e dos indigentes, fazendo crer que eles o são porque preguiçosos e incompetentes, outros dois

⁵ “ (...) la force de la communauté se mesure au bien-être du plus faible de ses membres”. Cf., v.g., https://fr.wikisource.org/wiki/Constitution_fédérale_de_la_Confédération_suisse_du_18_avril_1999

grupos sociais se evidenciam como sensitivas, pedras de toque ao grau de civilização na dimensão da sensibilidade social: as crianças e os velhos.

Não podemos deixar de reconhecer que nem uns nem outros são bem tratados nas nossas sociedades. Evidentemente que se evoluiu muito. Recordamos as declarações chocadas do então Ministro António Arnaut (justamente considerado o pai do Serviço Nacional de Saúde), na televisão, depois de visitar uma degradada instituição asilar, a Mitra de Lisboa. E o início do Decreto-Lei n.º 301/78, de 7 de outubro: “A situação degradante em que se encontram os utentes do Albergue Distrital de Mendicidade de Lisboa, especialmente no seu estabelecimento vulgarmente conhecido por Mitra, impõe a sua urgente reconversão”.

Mas ainda há muitas crianças abandonadas, maltratadas, inclusivamente presas nas cadeias com suas mães (seria bom recordar as regras de Bangkok, das Nações Unidas⁶ e, naturalmente, para quem saiba realmente ler, a nossa própria Constituição...). Por outro lado, há muitos velhos morrendo antes de mais de solidão, e depois, quantas vezes, de frio, de fome, de maus tratos em asilos sem condições, ou mal tolerados em casas de familiares que deles principalmente se servem para lhes ficar com as pensões de reforma e mais tarde as possíveis heranças. Sempre recordamos as palavras de Fernando Namora: “Se me perguntarem um dia qual o meu ideal de felicidade, eu responderia: um mundo em que as crianças e os velhos se sentissem felizes. É neles que se espelha o uso que os homens fazem tanto da justiça como do amor.”⁷

Cuidar de crianças ou de velhos não é tão glamoroso quanto outras causas e outros cuidados, mas são duas sensitivas da nossa Humanidade. Nem está na moda, que é uma ditadura pesada. Da mesma forma que não é socialmente de moda preocuparmo-nos com os doentes, e, por exemplo, especificamente, os doentes mentais, ou os crónicos, ou os terminais, que

⁶ Podem colher-se as “Regras de Bangkok” aqui, em tradução não oficial: <https://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2012/09/Tradução-não-oficial-das-Regras-de-Bangkok-em-11-04-2012.pdf>. Cf. ainda <https://cdn.penalreform.org/wp-content/uploads/2013/07/PRI-Short-Guide-Bangkok-Rules-2013-Web-Final.pdf>.

⁷ NAMORA, Fernando — *Retalhos da Vida de um Médico*, 2.ª série, 7.ª ed., Amadora Bertrand, 1976, p. 231.

rapidamente queremos que morram e deixem de consumir o que gananciosamente chamamos “os nossos impostos”. Virar a cara para o lado ocorre igualmente com os sem-abrigo, e os presos, os pedintes, os arrumadores de carros, os drogados, todos os que, de formas diferentes, cada grupo e cada pessoa com a sua própria idiosincrasia, constituem as margens do sistema, e que escassas pessoas “de bem” conseguem encarar e realmente procurar ajudar. Sendo mais fácil ignorar, ocultar e até, no limite, culpabilizar.

Há também algumas boas almas, muito ingénuas, que insistem em querer fazer as suas boas ações, e além de forçarem velhinhas a atravessar ruas (o que elas nem sempre querem), escolhem os seus necessitados ou “pobrezinhos” (a que já aludia na sua *Peregrinação Interior* António Alçada Baptista⁸), que por vezes nem o serão tanto. Há ricos que convêm a certos dependentes e dependentes que convêm a certos ricos...

IV. *Sinceridade e Litigiosidade*

Tentemos uma síntese: se, por um lado, a sociedade se desoprimiu socialmente, e se deixou de estar mergulhada numa teia de dogmáticos e hierárquicos interditos e corveias absurdas, certo é que também se terá levado longe demais, em alguns meios e situações, a abolição de portagens entre o interior e o exterior das pessoas, entre o sentido e o desejado (e nem sequer pensado), por um lado, e o dito e feito por outro. Digamos que o primarismo ganhou terreno em muitos sobre as reações mais ponderadas, amadurecidas, secundárias. O ideal seria um meio-termo de moderação. Em que nem se estivesse peado e tolhido por medos e filtros entorpecedores da ação e destruidores de toda a espontaneidade, nem se escancarassem as portas de par em par à saída do primeiro impropério, insulto ou agressão que num repente viesse a ser ditado pelo sangue a ferver. Embora se saiba que mesmo os mais desbragados tendam a justificar-se com os que o são ainda mais⁹... No fundo,

⁸ ALÇADA BAPTISTA, António — *Peregrinação Interior*, Lisboa, Moraes, 1971, 2 vols.

⁹ Cf., v.g., GOMEZ PEREZ, Rafael — *Deontología Jurídica*, Pamplona, EUNSA, 1982.

muitos alegam estar no “meio”... Não são “santos”, mas não são “diabos” nenhuns...

Para mais, numa sociedade de menos mentiras e hipocrisias, é natural que as pessoas se sintam mais livres para dizer coisas desagradáveis, e também outras se melindrem mais, pois o seu autoconceito subiu, entretanto, e já não são gente que aceite desaforo sem a devida réplica.

Em teoria, e até um certo ponto, este acréscimo de conflitualidade social pode ser positivo. Mas se ultrapassa uma medida razoável, pode levar a domínios de anomia social, podendo mesmo desembocar numa guerra de todos contra todos (*bellum omnium contra omnes*), como dizia Hobbes. Não é por acaso que a litigiosidade aumenta. E em não poucos casos com pleitos evitáveis. Uma das linguagens que se franqueou a todos foi a do acesso à Justiça. Ainda, é certo, com alguns entraves (desde logo, por motivos financeiros, há quem não litigue – por vezes nem os mais pobres, mas uma classe média que sabe escolher as suas prioridades de “investimento” e decerto vê muita álea na litigância para nela poder apostar), mas, em geral, quebrou-se a ideia ancestral das sociedades mais arcaicas, de que as pessoas de bem não recorrem aos tribunais, sendo uma vergonha ou uma mácula por lá passar (mesmo, para alguns, como queixoso ou até testemunha). Não se pode deixar de considerar que a trivialização das demandas judiciais, com prejuízo de formas extrajudiciais de composição dos conflitos (desde logo informais) acaba por agudizar a conflitualidade social geral, e descer a fasquia da tolerabilidade e da tolerância. Uma vez o “see you in court” banalizado, a máquina da Justiça pode mesmo vir a ser instrumentalizada por particulares (sobretudo se endinheirados e com possibilidade de investir nos seus processos, por vezes múltiplos, disparando em várias direções simultaneamente), ou mesmo entidades públicas (nesse caso, a situação é ainda mais grave, em tese), para fins específicos, particularistas, que não terão a ver realmente com a Justiça. Seria o paraíso da quereladora de Racine, nos *Plaideurs*¹⁰.

¹⁰ RACINE — *Les Plaideurs*, in *Théâtre Complet*, texte établi, avec préface, notices et notes par Maurice Rat, Paris, Garnier, 1960, p. 179 ss..

V. Carapaça da Tartaruga e Manto diáfano

Nem só em situações limite a questão fundamental que aqui colocamos tem aplicação e faz sentir os seus malefícios. Evidentemente, e sublinhe-se à cautela antes de mais (porque o risco de se ser erroneamente interpretado é grande nestas matérias e no nosso tempo), o que consideramos ser perigoso, e por isso motivo para se estar atento, não é o positivo, o normal e saudável uso da sinceridade e da naturalidade ou espontaneidade, mas outra coisa: o seu perverso emprego, resvalando para a inconveniência, a indiscrição, o imediatismo, o verbalismo, a impulsividade agressiva, o não medir as palavras, o embarcar em boatos e intrigas (e, naturalmente, em *fake news*), o não ponderar, o ter os nervos e os impulsos à flor da pele, o não usar a cabeça e o discernimento. O discurso do ódio¹¹ alimenta-se de credulidade, falta de verificação de fontes, ignorância histórica, e nervos à flor da pele.

Conta Plínio, o Velho, na sua *História Natural*¹², a tradição lendária¹³ da morte do dramaturgo Ésquilo, a qual acaba por ser uma confirmação dessa *hybris* que consiste em tentar o simples mortal furtar-se aos oráculos. Como se sabe, o caso mais patente e gritante, é o de Édipo, que acabará por cumprir rigorosamente o fado que lhe havia sido previsto, e contado aos seus também desditosos progenitores. Ésquilo, autor de uma peça decisiva no Ciclo Tebano, um verdadeiro minuete da morte junto das muralhas de Tebas, “a das sete portas” (*Os Sete contra Tebas*¹⁴), não desconhecia o desenlace, e contudo acabaria por ser vítima de algo estruturalmente semelhante.

Será predito a Ésquilo que ele morreria na sequência de um cair de uma casa sobre si, ou sobre a sua cabeça. Vai daí, sempre que podia, ele ficava ao ar livre, para melhor se furtar a esse fim. Porém, um dia, uma tartaruga aprisionada por um pássaro (parece que uma águia) acaba, por um motivo ou

¹¹ Cf., v.g., MEYER-PFLUG, Samantha Ribeiro — *Liberdade de Expressão e Discurso do Ódio*, São Paulo, Editora Revista dos Tribunais, 2009.

¹² Não conseguimos detetar a passagem na seleção PLINE, l’Ancien — *Histoire naturelle*, édition et choix de Hubert Zehnacker, Paris, Gallimard, 1999. O episódio também não é referido em várias enciclopédias, como a Britannica, a Universalis, a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira e a Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Contudo, é uma fábula corrente...

¹³ “Ridícula lenda” é o epíteto que lhe dá Raphael Dreyfus, autor da Introdução do volume da Pléiade, *Tragiques Grecs. Eschyle / Sophocle*, Paris, Gallimard, 1967, p. XLI, n. 3.

¹⁴ ESCHYLE — *Les Sept contre Thèbes*, trad. fr. de Jean Grosjean, in *Tragiques Grecs. Eschyle / Sophocle*, Paris, Gallimard, 1967, p. 59 ss..

outro, por cair do céu em cima da calva reluzente do poeta, provocando o choque da carapaça com o crânio a morte daquele. Não pode haver dúvidas de que a carapaça é uma casa...

As carapaças de tartarugas são matéria muito resistente, e apta a provocar sérios estragos, como se vê, na História (mítica) da Cultura. Já os mantos diáfanos possuem outras virtualidades. Toda a gente sabe que n'A *Relíquia*, de Eça de Queiroz¹⁵ se pode ler esta frase, que serviu até de mote à estátua do escritor esculpida por Teixeira Lopes em Lisboa: “Sobre a nudez forte da verdade – o manto diáfano da fantasia”.

Mantos da fantasia, sim, diáfanos, de preferência, mas sempre sobre a nudez (e a solidez, a consistência, a materialidade, da verdade) do real. Ou seja, uma ténue velatura do concreto, de índole romanesca, ou imaginada, poética, se quisermos. Esta uma harmónica relação (ficcional) entre o real e o ideal.

Não pode haver na sociedade aberta¹⁶ carapaças que escondam o seu habitante, neste caso um réptil. E normalmente, apesar de algumas reabilitações infantis recentes, não se gosta muito de répteis nas nossas sociedades... Mesmo que seja um réptil, as carapaças dele são protetoras. Carapaças que o possam proteger de águias predadoras, sim, mas que obriguem o pobre animal a um eterno transportar da sua casa às costas.

Compreende-se que a ficção realista de Eça não nos dê a crueza fria e quiçá chocante de toda a realidade sem a envolver de um manto, ainda que diáfano, e posto que de fantasia... Até porque essa verdade nua, e aprofundada, seria antes de mais uma dissecação, não um retrato de costumes. Eça poderia ter acrescentado (mas a bela frase ter-se-ia atenuado, e quiçá um pouco perdido até) à fantasia o humor. *Ridendo castigat mores*. A prosa do autor d'*Os Maias* está embebida em humor irónico, e esse é o condimento próprio que permite saborear sem repugnância o choque da realidade nua. Certamente porque a ironia, para mais com o efeito de distanciamento da ficção escrita e com as artes do narrador (que também é “encenador”), transporta a questão para um plano superior. E deixamos de estar à flor da pele da realidade. Pelo manto

¹⁵ EÇA DE QUEIROZ — *A Relíquia*, in *Obras de...*, Porto, Lello, 2007, p. 1489.

¹⁶ POPPER, Karl — *The Open Society and its Enemies* (1957, revista em 1973), trad. port., *A Sociedade Aberta e seus Inimigos*, Belo Horizonte, Editora da Universidade de São Paulo / Editora Itatiaia, I, 1974.

diáfano da fantasia, e pela cortina de sabedoria e de *détachement* do humor irónico. Quem se ri do mundo tem de dele se afastar, cremos que é um provérbio chinês...

Olhemos o nosso problema à luz destas referências.

VI. *Importância do Distanciamento*

Economizando muita argumentação, cremos poder concluir (*brevitatis causa*) que a sociedade democrática precisa de filtros de diversa consistência e adaptados a diferentes situações e protagonistas.

Do mesmo modo que seria um desastre uma democracia (pseudodemocracia, de facto) informática, em que cada um votasse cada medida com um *clic* no seu telemóvel, obviamente condicionado e manipulado por mil e uma aplicações e *posts* demagógicos (servidos por poderosa e intrusiva Inteligência Artificial), também uma sociedade de excesso de imediação, sem acolchoamento social, sem freios e contrapesos (importando a expressão de Montesquieu¹⁷) ao nível do relacionamento entre os sócios, inevitavelmente conduz a conflitos escusados e destrutivos.

Parece necessário mediatizar muita coisa, em democracia: a representação, naturalmente, e a própria sociabilidade. A não mediatização é, em muitos aspetos, um regresso ao estado de natureza, e não acreditemos em “bons selvagens”, apesar de toda a sedução da prosa de Rousseau¹⁸... Porque será que várias terapias e métodos de relações humanas e dinâmica de grupo ensinam que antes de reagir a uma afronta, ou até a uma simples contrariedade, enfim, para controlar a raiva, o desespero, a depressão, se deve inspirar e reter a respiração alguns segundos largos, antes de ripostar ou mesmo de decidir? Ou então aconselha-se a caminhar, beber um copo de água, lavar o rosto com água fria, enfim, diferir a resposta... É preciso digerir com distanciamento os acontecimentos, sobretudo se negativos ou provocatórios. Agir a quente (salvo

¹⁷ MONTESQUIEU — *De l'Esprit des Lois*, in *Oeuvres Complètes*, Paris, Seuil, 1964. p. 527 ss. Cf. ainda, v.g., ERLICK, E. M. — *Les idées de Montesquieu sur la séparation de pouvoirs, et la Constitution américaine*, in “Revue du Droit Public et de la Science Politique en France et à l'Etranger”, Paris, Giard, 1926, t. 43, ano XXXIII, p. 130 ss..

¹⁸ ROUSSEAU, Jean-Jacques — *Oeuvres Complètes*, Paris, Seuil, 1971, 3 vols.

numa situação de imediata e atualíssima legítima defesa) é sempre uma má ideia, e pode deitar a perder a própria ação.

A carapaça de tartaruga evoca a necessária dureza para resistir a ataques e problemas. Só uma superfície com rugosidades, com tempo, com textura, com solidez pode estruturar positivamente a personalidade. Mas quando se possa sair da carapaça, o que já deve pressupor alguma confiança na situação (e não será de fazer-se senão com essa garantia), entrará então em ação o manto diáfano e, decerto mais ainda, a cortina da sabedoria. Uma sabedoria que permitirá ver as situações com um olhar devidamente filtrado, de fora para dentro, e, de dentro para fora, coará devidamente as possíveis reações menos pensadas, menos ponderadas. A sabedoria nas relações interpessoais também é em grande medida distanciamento de acordo com o grau de intimidade estabelecido, desde logo socialmente, e, portanto, etiqueta, cortesia e diplomacia. Não é por acaso que entre amigos que entre si mantêm alguma cerimónia é menos frequente haver altercações, e sobretudo dissensos turbulentos e violentos. Não se advoga um fleumático distanciamento por sistema. Mas é óbvio que um excesso de proximidade pode potenciar (se as pessoas não possuírem entre si uma grande sintonia e muita educação de base) conflitos e até ruturas dramáticas. Mesmo no amor se pode dizer que “Deus separa para melhor unir”, como observou Leonardo Coimbra.

VII. Primários e Secundários

Porém, não se trata apenas de criar distâncias e procurar tempos e obstáculos a confrontos diretos derivados de repentes e impulsos sem barreiras pessoais e sociais. A carapaça da tartaruga, o manto da fantasia e a adicional cortina da sabedoria que o humor e a ironia propiciam são uma panóplia de auxiliares metafóricos que nos leva a uma questão que está no cerne de todo o problema.

Porque há pessoas que reagem sem pensar, sem ponderar, ou mesmo arquitetam planos de vingança amadurecidos, mas sempre afinal impulsivos, ainda que muito bem arquitetados? Não é impossível que sejam questões

químico-biológicas, hormonais, certamente, e que tenha afinal alguma razão a tese (muito criticada) de Francis Fukuyama sobre a necessidade de “feminização” da política mundial¹⁹. Mas quem somos nós senão para aventar a hipótese de novo? Aliás, matizaríamos: talvez o problema, como alguns sublinharam, não seja, de forma mecânica, pura e simples, colocar mulheres a governar (porque decerto algumas necessariamente imitariam o paradigma existente), mas ver que tipo de pessoas governam... Há homens e homens, como há mulheres e mulheres... Contudo, sabemos bem ver quando uns ou outros são do tipo cordato ou agressivo. Uma resposta seria certamente escolher pessoas (mulheres ou homens) do tipo cordato, moderado, diplomático, capaz de compromissos e negociações. Porém, não parece ser esse o perfil que resulta das campanhas eleitorais. E contudo, parece que também há muita gente cansada de uma política extremada e de protagonistas sempre a subir o tom.

A grande distinção estará entre os ânimos primários e os ânimos secundários. Os imediatistas, impulsivos, sejam do género masculino ou feminino, certamente levarão mais facilmente os países para as guerras e querelarão com os vizinhos e colegas de trabalho por questões de *lana caprina*. Já os ponderados, não laxistas, não cobardes, mas calmos e cientes até que pode haver vinganças a servir frias, não se lançarão em aventuras, sobretudo sem ponderar muito bem previamente desde logo as razões da ação e as hipóteses de sucesso da mesma (ainda que só de forma simbólica).

Não há nenhuma incompatibilidade entre a carapaça da tartaruga, o manto diáfano e a cortina de sabedoria traduzida no humor e na ironia.

A consistência da carapaça pode simbolizar essa tranquilidade de quem não se sente beliscado com pequenas picadelas de mosquitos, mas também a consciência de que se devem fazer as contas para uma vida longa (da pessoa ou do grupo, desde logo do país, por exemplo), e compreendendo que “os

¹⁹ É uma polémica complexa e longa, que não pretendemos senão evocar aqui, pelas mesmas razões invocadas já de “distância trágica”. Cf., apenas e desde logo, para documentação, FUKUYAMA, Francis — *Women and the evolution of world politics*, “Foreign Affairs”, vol. 77(5), 1998, pp. 25-40. Criticamente, v.g., LUINTEL, Youba Raj — *Do Males Always Like War? A Critique on Francis Fukuyama and its Hyper Masculine Assertions on “Feminization of World Politics”*, ed. online: https://himalaya.socanth.cam.ac.uk/collections/journals/opsa/pdf/OPSA_09_12.pdf.

moinhos dos deuses moem muito devagar”. Assim como a ação de quem pondera não pode ser precipitada.

O manto diáfano dá uma certa agilidade e caráter translúcido à relação do interior com o exterior. Permite ver a realidade crua. É importante que se não perca de vista essa linha do horizonte. A realidade é nua e crua e não se pode caminhar no sentido da alienação. A fantasia, muitas vezes, sem essa referência, poderia alienar. Mas, através do seu manto diáfano, nunca se deixa de ter presente a crueza e a nudez da realidade. E também por isso aumenta o conhecimento.

Mas o tratamento dos dados do conhecimento da realidade tem um equivalente à carapaça quando falamos em tecidos de velatura: no manto e na cortina. Não é o “véu de ignorância” de que fala Rawls²⁰; é, mas noutro plano da alegoria, uma cortina de profundo conhecimento. É claro que se pode usar o véu do autor da *Teoria da Justiça*, para não fazer aceção de pessoas e para chegar à conclusão de qual será o menos mau regime de todos. Contudo, no caso, o que importa é, depois de se ter visto a realidade, ainda que filtrada por um drapejamento diáfano, ganhar densidade, ganhar consistência, não se ficar por uma nudez e brutalidade à flor da pele, cruas, evidentes, imediatas, superficiais, fanéricas. Subir os degraus da mediatização, trabalhar os dados, digerir as perceções, ruminar as possíveis reações.

Quando se chega ao nível da ironia, já se galgaram solidamente muitos degraus do conhecimento. É evidente que não é fácil resistir a uma agressão armada com um dito de espírito. Nem deve ser muito eficaz. Contudo, há ironias que deixam feridas incuráveis, e arrasam, sobretudo aos olhos de observadores terceiros. Mas só se consegue ser eficazmente irónico quando se caminhou penosamente, arduamente, nas veredas da sabedoria, que é um caminho cheio de interesse, mas pleno de escolhos.

VIII. Lição do Mágico de Oz

Trata-se, pois, de uma vivência, de uma aprendizagem, de uma caminhada de amadurecimento. A banalização dos graus e títulos,

²⁰ RAWLS, John — *A Theory of Justice*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1971.

universitários e afins (honoríficos, por exemplo, em alguns casos e latitudes), dá a falsa impressão de que a sabedoria, a inteligência, e até a coragem se conseguem com diplomas. O texto do genial *Wizard of Oz* é eloquentíssimo, tanto no filme como no livro²¹. O pequeno e medíocre verdadeiro feiticeiro de Oz, que apenas era um condutor de máquinas (operando a máquina portentosa que fingia ser o real mágico), oferece aos companheiros da pequena heroína, Dorothy, o que eles precisam para ganhar cérebro (espantalho), coração (homem de lata) e coragem (leão covarde): além de chumaços para substituir os órgãos em falta, o astuto mágico confere ao espantalho um diploma de Doutor em “Pensamentologia”: “They have one thing you haven’t got: a diploma. Therefore, by virtue of the authority vested in me by the Universitartus Committiarum E Pluribus Unum, I hereby confer upon you the honorary degree of ThD – Doctor of Thinkology.”²². Ao leão, dá uma bebida que faz bem as vezes de real coragem. Diríamos, com ambígua propriedade, uma “bebida espirituosa”. Em que medida não são muitos dos nossos contemporâneos retratados, com humor e ironia, que denota sabedoria superior, neste tempo de profunda crise de massificação (que sobrepujou a justa e necessária democratização educativa)?

O feiticeiro de Oz é um motivador, é um animador das hostes, é alguém que, não tendo nada de real a dar, consegue operar milagres em três personagens fragilizadas, convencendo-as do seu poder, e transmitindo-lhes confiança, pela sugestão. Ao acreditarem que tem o que julgavam faltar-lhes, naturalmente se presume que se operou o prodígio. Simplesmente, como foi agudamente analisado já, o espantalho, depois de devidamente recheado na cabeça e dotado de diploma doutoral começa a recitar o teorema de Pitágoras, mas erradamente. Como naturalmente tinha que ocorrer.

Ora, o que se passa com o nosso mundo real é que temos quem recite o equivalente ao teorema de Pitágoras também erradamente. É aquilo a que se chama “ignorância letrada”. Há pessoas com diplomas, famas, mediatismos, que dizem e escrevem coisas de bradar aos céus – simplesmente, como a

²¹ *The Wizard of Oz*, Victor Fleming, USA, 1939. Cf. BAUM, L. Frank — *The Wonderful Wizard of Oz*, Londres, Penguin, 1995, p. 111 (1.a ed. 1900).

²² Cf. <https://www.spokesman.com/stories/2008/jul/20/scarecrow-and-the-diploma-mills/>.

incultura é muito generalizada, poucas pessoas há para dar por isso. E, mesmo assim, as que o notam, normalmente não têm meios para fazer ouvir a sua voz, ou não estão para comprar brigas. Porque, evidentemente, errar no teorema de Pitágoras é algo de bastante óbvio, mas a *langue de bois* intelectual em matérias menos positivas e objetivas (de ciências duras), é capaz de mistificar muito, ao ponto que parece que não há quem erre.

Há quem se contente com diplomas falsos, ainda que possam ser “verdadeiros”, falsos porque não certificando competências reais, apenas denotando uma formalidade, e esses ficarão sempre no rés-do-chão, senão mesmo no subsolo do conhecimento e das competências. Poderão, por sorte ou empenhos, chegar a cargos, exercer funções até importantes, mas, se não se cultivarem por si, e desde logo densificarem os seus conhecimentos e aguçarem o seu espírito crítico, nunca conseguirão sequer usufruir do diáfano manto sobre a realidade nua e crua. Não serão sequer capazes, decerto, de ver a própria realidade em si. Também, muito menos, disporão de instrumentos que lhes permitam tecer o reposteiro discreto da sabedoria, e muito menos conseguirão atingir a maturação do conhecimento e da sua degustação (sapiência, ou “sápida ciência”) no cadinho do humor destilando ironia. É uma pedra de toque que, mesmo alguns que muito se esforçaram armazenando conhecimentos (mais meritórios, é certo, que os simplesmente vagos e levianos que nada estudaram), sem contudo os terem verdadeiramente assimilado, sem os terem feito seus, sem os tratarem por “tu”, sem os haverem cercado pela consulta comparada de várias fontes, sem a discussão com vários colegas e mestres, enfim, sem terem realmente vivido o que é a verdadeira vida de estudo (muito distante da simples memorização dogmática de saberes cristalizados), esses (como aliás muitos autodidatas que não tiveram a sorte de poder dialogar e ver outros pontos de vista, desde logo com professores) são normalmente pessoas sisudas, sem sentido de humor, e muito avaros e vaidosos do seu suposto saber. Uma ilusão. Iludidos. E tristes.

Temos, realmente, sinais muito seguros de um conhecimento mal assimilado, de um desperdício até do ensino e da frequência (mesmo universitária, o que deveria ser um perfeito contrassenso). Esses sinais vão no

sentido de que aqueles que aparentemente conseguiram apenas dominar a superficialidade dos saberes, se esfalfaram para decorar informações, penosamente, em regra, e não conseguiram captar o essencial, não atingiram preocupar-se e apaixonar-se, ou o fizeram só de forma superficialíssima, esses estão persuadidos de que sabem muitíssimo, que possuem um tesouro impartilhável, debitam migalhas do seu saber apenas com o fito de impressionar (normalmente recitando fórmulas alheias ou, no máximo, verbosidades pessoais vulgarizadoras) e assumem a pose de sábios, competentes, tecnocratas em potência, a quem todas as vênias e medalhas deveriam ser dadas. E o próprio poder seria seu por direito.

Em contrapartida, os que sabem, como Agostinho da Silva (tomemos um símbolo), não andam a espaventar roupas novas e caríssimas, nem se consideram desbravadores ou inventores, ou sequer originais, são humilíssimos e de uma pedagogia discreta e exemplar.

Os que realmente olham a realidade com os filtros adequados e com a perspectiva vivencial fecunda, que têm inteligência e sensibilidade (e humildade) para entender os meandros do que está em jogo, esses não se proclamam “rabis”. Entreveem através do manto, transportam o peso da carapaça e talvez consigam, depois de muito amor e dedicação ao saber, depois de muita experiência (de que ele é em grande medida feito), tecer os fios invisíveis da cortina da ironia. Por isso, enquanto os primaríssimos creem que a sua força, poder e excelência reside nos músculos e nas suas proezas fictícias de caçadores de gambuzinos (como é delicioso *La Gloire de mon Père*, de Marcel Pagnol²³!), ou na sedução infalível de *toilettes* e penteados irresistíveis, ou um andar em *passerelle* permanente, exalando perfume irresistível, os ignorantes letrados acreditam que viram as essências e atingiram a sabedoria. Como se tivessem chegado à máquina prodigiosa do feiticeiro de Oz sem, contudo, se terem apercebido que não passava de um mecanismo conduzido por uma insignificância humana, apesar de inegavelmente possuir certo senso prático de alguma esperteza elementar.

²³ PAGNOL, Marcel — *La Gloire de mon Père*, ed. de Porto, Porto Editora, 2006.

Estes últimos, se não consumiram todas as suas energias a estudar o que não gostavam e não aproveitaram, se mantêm depois de formados ainda algum vigor e ambição, podem ser muito nocivos, porque dominam *tant bien que mal* uma certa linguagem, mas não sabem profundamente o que dizem. É uma arte encantatória, como o médico imaginário na peça de Molière *O Médico Voador*²⁴.

Os franceses, por exemplo, aparentemente serão muito generosos com as designações que conferem socialmente aos que trabalham nas áreas da cultura e da ciência. Não será precisa a demonstração pública, o renome e as provas dadas para se chamar a alguém filósofo (*philosophe*) ou cientista (*scientifique*). Entre nós, admite-se que possa haver mais recentemente alguma tolerância excessiva, ou magnanimidade, mas, em geral, nem todo o licenciado em Filosofia é considerado e dito “filósofo”, nem todo o licenciado em biologia, química, física ou matemática é tratado por “cientista”.

Nem tudo é *bluff*, felizmente. Há muitas pessoas tituladas em muitas áreas que não se atrevem a exercer, por inabilidade prática, ou descoberta de real falta de vocação, ou talvez por terem concluído que não conseguiriam complementar eficazmente a sua formação académica deficiente no exercício da respetiva profissão. Este facto é a nosso ver de saudar, porque revela não apenas receio, mas acima de tudo responsabilidade. Pode haver casos de exagero de escrúpulos, mas em geral parece-nos ser uma atitude digna. Pelo contrário, há perigos públicos em ação, que não aprenderam grande coisa durante a sua preparação escolar formal, e ainda sem que a prática e algum estudo adicional ulterior lhes pudesse colmatar as lacunas (que costumam ser fatais, porque versando sobre as bases), se metem a exercer e de forma agressiva e com muito *marketing*. Em algumas áreas, os estragos, não deixando de ser terríveis, só se detetam *à la longue* (como, em geral, na Educação), mas imagine-se o que poderá acontecer a curto prazo com os que se dedicam a ofícios práticos, como Médicos, Engenheiros ou Juristas...

²⁴ MOLIÈRE — *Le Médecin volant*, in *Oeuvres complètes*, texto estabelecido, apresentado e anotado por Georges Couton, Paris, Gallimard, 1971, vol. I, p. 27 ss. V. ainda <https://www.youtube.com/watch?v=QUk3uB1o4zA>; com encenação de Dario Fo: <https://www.youtube.com/watch?v=tganp-cUgco> (versão mais longa).

As várias formas de superficialidade, desde as mais iletradas às aparentemente conhecedoras e academicamente tituladas, podem ilustrar-se com o espelho. São epidérmicas, ficam-se pela superfície lisa e sedutora do espelho. Mas ao olharem o espelho, que veem elas? Apenas a própria imagem. Como o lago onde se mirou Narciso. O espelho onde se procura a realidade não no-la oferece, mostra-nos simplesmente o nosso rosto. E o nosso narcisismo adora ver uma pretensa realidade feita com rigor à *nossa imagem e semelhança*, porque não passa da nossa face... Por algum motivo a rainha da Branca de Neve perguntava ao espelho quem seria mais bela...

Pelo contrário, a montanha não nos mostra senão um indeciso caminho. Que é preciso escalar com esforço e sentido de equipa, em coordenação com outros alpinistas. O espelho é a facilidade de ficar na hoje tão repetida “zona de conforto”. A montanha é o grande e grandioso desafio de chegar mais alto. O que também quer dizer mais fundo, e mais adentro da realidade. O espelho de que falamos não tem “outro lado”, como o de Lewis Carroll e da sua Alice²⁵.

Vemos as coisas em enigma, através da sua imagem no espelho²⁶. Ver a realidade face a face não nos é dado, mas ao menos, carregados com a casa às costas, ou seja, com o nosso património cultural e civilizacional, ao menos vejamos através do diáfano manto. Há que carregar a própria cruz, que no caso é a carapaça, e trilhar veredas de ninguém²⁷ até a cumes de oxigénio rarefeito.

IX. Aprendizagem Crítica Quotidiana

A questão agora levantada não se fica pelo domínio da educação e do trabalho. É que a formação académica e laboral são essenciais para a formação de todas as pessoas. Apesar de parecer hoje que muitos passam impunemente por uma e por outra, interessados apenas em coisas de lazer ou afins, é inegável que mesmo esse fazer-se desentendido da escola e do trabalho já constitui uma opção de vida, que muitas vezes se vai nos nossos dias traduzir pela opção pela

²⁵ CARROLL, Lewis — *Through the looking glass*, in *The Complete Illustrated Works of...*, London, Chancellor Press, 6.ª reimp., 1989.

²⁶ Cfr. 1 Cor. XIII, 12.

²⁷ HEIDEGGER, Martin — *Holzwege*, Fraconforte sobre o Meno, Vittorio Klostermann, 1949.

categoria dos “nem-nem”, os que vivem de subsídios ou à custa dos pais e / ou avós e afins, pois não trabalham nem estudam. E alguns nem querem uma coisa nem outra. É um drama terrível para as famílias, algumas delas a passar dificuldades, e, de qualquer modo, em geral com uma cosmovisão em que se não enquadra uma pessoa que não quer seguir nenhuma das vias normais que se abrem aos jovens, no pensamento convencional – que neste ponto nada tem de conservador nem repressivo. Porque as pessoas têm o dever de ser úteis à sociedade, e, portanto, por muito que um dia se possa sonhar com a “vida gratuita”, por enquanto há que contribuir para o bem comum, trabalhando. Ou estudando, para melhor se poder vir a trabalhar depois.

Seja qual for a opção, é nos tempos de formação escolar e profissional iniciais que se consolida a personalidade, se forja o caráter. E a grande opção acaba por colocar-se. Talvez não a todos de forma claríssima; a alguns decerto só surdamente. Mas cremos que sempre acaba por se escolher: ou viver a vida a sério, enfrentando agruras, mas não virando costas ao combate e visando os seus objetivos – porém, *suaviter in modo, fortiter in re*, ou seja, com inteligência, *souplesse*, moderação, ou então deixar-se levar pelos desafios aceitando apenas os termos com que as coisas vão surgindo, sem se afirmar, sem aprofundar, sem querer ir mais longe, lamuriando-se, queixando-se, irritando-se, sendo violento de violência gratuita, se a vida corre mal, ou meramente superficial, fruidor, se corre bem. E enquanto corra...

Este último modelo, de ir ao sabor da maré, é partilhado por muitos tipos de estudante e de trabalhador. Ser capaz de ao mesmo tempo seguir um plano de vida e não se deixar subjugar pelo muito que é necessário sacrificar para chegar mais longe e mais fundo nos estudos e no trabalho, é muito difícil.

Há a tentação de realmente tomar o destino em mãos, mas quedar-se pela dimensão profissional, esquecendo os lazeres, os amigos, a vida sentimental, o alargamento de horizontes, mesmo culturais. Ou então ficar-se pela atividade social, caritativa, religiosa, ou política. São vidas exaltantes, algumas, e que chegam a certo conhecimento do mundo, dos outros e de si mesmo, mas que irremediavelmente se quedam truncadas, com graves sequelas

de convivialidade e mesmo de compreensão da realidade. E estamos em crer que com um enorme custo de felicidade mais profunda.

A solução estará num poema de Fernando Pessoa. Não se pode ficar no demissionismo fruicionista do “nem nem”, nem no autocomprazimento numa mediocridade qualquer de moda, nem no sacrificar a estereótipos, de força, sucesso material ou sedução, nem nas metas pequeninas agigantadas dos que estudaram superficialmente e trabalham mediocrementemente, mas creem que são já sábios e têm o rei na barriga. Vamos a Pessoa, aliás, Ricardo Reis, o seu heterónimo clássico: “Para ser grande, sê inteiro: nada / Teu exagera ou exclui. / Sê todo em cada coisa. Põe quanto és / No mínimo que fazes. / Assim em cada lago a lua toda / Brilha, porque alta vive.”²⁸

É necessário não se mutilar, não truncar a própria existência, e contudo ser capaz de seguir uma verdadeira vocação, e seguir em frente, mais alto, mais além.

Só quando se conseguir ser uma Pessoa integral, sem amordaçar partes de si, sem se contentar com soluções e conhecimentos pequeninos e vulgarizadores, procurando uma excelência profunda (e fugindo das superficialidades das modas que o *marketing* agressivíssimo de uma sociedade de imitação agiganta), só assim se conseguirá não ver apenas as coisas no espelho deformado da realidade, mas com mais objetividade, ainda que filtrada por bons filtros. E só quando a Pessoa se encontrar pacificada, desde logo consigo mesma, sem ambições negativas, mas com ambições virtuosas (a terminologia é ambígua e insuficiente, como observado desde a *Ética a Nicómaco*, de Aristóteles²⁹), só quando se tiver, não uma compreensão total e cabal (que é impossível), mas uma compreensão por osmose, por intuição em parte, por dedução por outro lado, por várias vias do pensamento, mas dominando suficientemente a realidade nos seus múltiplos meandros, quando se estiver de bem consigo mesmo, humildemente acreditando em si e confiando no Mundo, apesar de todas as crises e loucuras, só então se entenderá com

²⁸ REIS, Ricardo — *Poesia*, edição Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, p. 130.

²⁹ ARISTÓTELES — *Ética a Nicómaco*, II, 7 (1107b27 ss.). Cf. ainda AGGIO, J. O. — “Os desejos nas virtudes particulares”, in *Prazer e desejo em Aristóteles* [online], Salvador, EDUFBA, 2017, p 265 ss.. <https://books.scielo.org/id/kz4kj/pdf/aggio-9788523220105-08.pdf>.

calma, com prudência. E acabará por olhar-se com condescendência a azáfama das formiguinhas turbulentas, em guerra permanente por nadas, a vaidade jactante de outras por nadas, a autoilusão de outras mais por nadas.

X. *Meditação da Montanha*

Todavia, subido ao alto dessa fase crítica, sempre o aprendiz de filósofo (chamemos-lhe assim, porque na realidade está a aprender a viver, aprendendo a morrer) terá tentações, como Jesus no deserto³⁰. E a primeira será a de que chegou ao cume da montanha, quando, na verdade, permanecerá num pequeno planalto, ainda bem próximo da planície...

Nenhuma sociedade bem organizada e saudável pressupõe a existência apenas de filósofos, ou de pessoas muito reflexivas, muito cultas, muito empenhadas. É necessário cuidar dos Papagenos e das Papagenas e encontrar para eles um nível sério de estudos, de preocupações, de cidadania. Ter-se-á, portanto, que adaptar o que foi dito à cultura geral e ao pensamento crítico normal, corrente, das pessoas normais, correntes. Uma nota nos parece particularmente importante, neste domínio: é bem melhor uma mente bem organizada que muito cheia, como diz o ditado gaulês, e é mais útil uma cabeça e um coração desnublados, sem confusões mentais nem pretensões intelectualistas, ou de moda ou de impulso, ou de vaidade ou precipitação. Uma serenidade de *aurea mediocritas* não deixa de ser sedutora. Com alguma cultura geral, com cultura técnica para que haja bons profissionais, com capacidade de fruição artística, com educação relacional, com virtudes e valores republicanos capazes de defender as muralhas da cidade, a Constituição e as Leis democráticas³¹.

Não se pede que se suba excepcionalmente alto. Mas exige-se que se tenha humildade em olhar em volta e reconhecer que se está no seu patamar, sem prejuízo de, se um dia chegar a inspiração, o Hobbit³² poder sair da sua

³⁰ Mt. IV, 1-11; Mc. I, 12, 13; Lc. IV, 1-13.

³¹ V., desde logo, o nosso livro *Para uma Ética Republicana*, Lisboa, Coisas de Ler, 2010.

³² TOLKIEN, J. R. R. — *O Hobbit*, 2.^a ed. port., trad. de Fernanda Pinto Rodrigues, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1987.

casa confortável e correr a *terra média*, e mais além, por novas aventuras e transformações.

Porto, 25 de Abril de 2024,
no 50.º Aniversário da Revolução dos Cravos